

História terceirizada

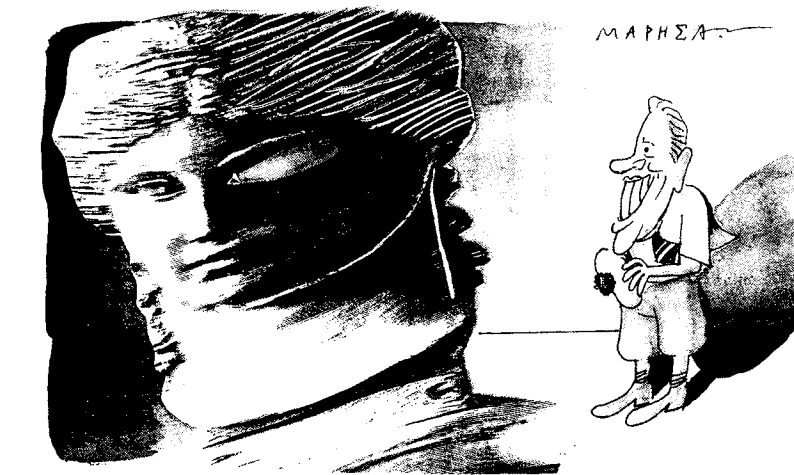
Wilson Figueiredo

Algo aconteceu. Um presidente da República que todos os dias pede a bênção à História, como um netinho prendado, pareceu esta semana ter perdido a proteção da avó. Fernando Henrique foi visto na companhia de tipos oposicionistas suspeitos e, antes de explicar-se a quem o abençoa, vai precisar convencer os eleitores de que a versão é menos importante que o fato. Foi obrigado em nome das reformas a praticar atos reprováveis (nos outros) com os quais está em desacordo, e ainda sorrir. A política é o verdadeiro sorriso da sociedade.

Ficou difícil entender, à luz da razão teórica, a inversão de um governo que se comprometeu, no superior interesse da social-democracia, a operar no atacado para errar apenas no varejo. Ou seja: fazer política de princípios com os partidos, a preços de ocasião. As reformas teriam um custo, sabia-se, mas nunca superior ao valor que os eleitores pagaram. O social-democrata deste fim de século não é um usuário de teses revolucionárias clássicas, como há cem anos, mas alguém que consome a versão bidistilada, palatável à classe média, de marxismo sem colesterol.

Não há social-democrata de carteirinha no Brasil, mas por simpatia e moda. Partidos são criações fictícias para escrever a realidade segundo interesses duradouros. E social-democrata é o tipo da classe média que defende o Real em tese mas na prática cambaleia, sobrecarregado pela diferença que pesa no seu bolso. Está longe de ser, no entanto, alguém que deposita em conta bancária a sua condescendência para com os excessos do capitalismo.

O social-democrata brasileiro reconhece que o lucro tem o seu lugar e merece consideração política, mas não quer ser desconsidera-



O SENADO, QUEIRA OU NÃO FERNANDO HENRIQUE CARDOSO, É UMA CAIXA DE MARIMBONDOS

do socialmente. Pois esse pequeno burguês foi cortejado acintosamente pelos que montaram a CPI dos Bancos, com um realismo cênico poucas vezes visto no Brasil. Só os mais velhos perceberam que era apenas a pré-estrela de uma peça para pequeno público.

Um presidente que fala diariamente com a História, não pedir audiência, não podia politicamente brincar em serviço e, entre duas cenas rápidas na televisão, dar em público uma ferroada literária no senador José Sarney. O Senado, queira ou não Fernando Henrique, é uma caixa de marimbondos.

Uma leitura nas entrelinhas do que se passou (e do que não se passou) pode levar à conclusão de que faz falta sabedoria política para lidar com bandidos sem demonstrar receio. Ninguém — muito menos os mineiros — diz que o problema deste governo é ter paulistas demais e mineiros de menos. Pode o governo Fernando Henrique se apresentar como orquestra afina-

da com idéias harmoniosas, mas na hora de executar fica visível que lhe faltam a partitura e o domínio dos instrumentos.

A primeira parte da proposição (excesso de paulistas) seria suficiente para explicar por que o presidente não passa uma semana sem problemas. Ao seu lado sobram títulos de saber, mas falta senso político. E, por que não, humildade. Problemas políticos são fáceis de criar e difíceis de resolver. Desde 1930 os paulistas que contam socialmente deixaram o negócio político: terceirizaram o serviço. Deram-se bem com a industrialização, trataram de São Paulo com prioridade, e não consta que tenham se arrependido.

Mas a política paulista perdeu a majestade (e põe majestade nisso) da primeira República. Dá para consumo próprio, mas não satisfaz ao paladar nacional. Candidatos paulistas propriamente ditos à Presidência — como, de um jeito e de outro, Ademar de Barros, Paulo

Maluf e Ulysses Guimarães — não conheceram sucesso eleitoral; os dois que chegaram à Presidência (e o próprio Lula, barrado duas vezes), Jânio Quadros e Fernando Henrique, paulistas por adoção. Nenhum foi capaz de fazer política com prazer e arte. O primeiro sucumbiu à própria intimidação e o segundo confundiu-se com a própria imagem, o que é uma forma de narcisismo perigoso, pela perda de distanciamento crítico.

Fernando Henrique é acusado com leviandade oposicionista de abusar de viagens internacionais, mas a verdade é que ele se ausenta para dar oportunidade às contradições da social-democracia; que fazem cerimônia quando ele está aqui. Não há prejuízo: faz hora extra quando volta, para remover encrascas que o ocuparão até a próxima viagem. E não pode, por sua vez deixar de viajar porque a variante nacional da social-democracia precisa mostrar que não é parente do neoliberalismo que se insinua por aí, usando seu cartão de crédito.

Não há dúvida que faltam mineiros para mover a pesada engrenagem da social-democracia. Sabido que o presidente estima dificuldades para poder brilhar e, quando faltam, os paulistas que batem cabeça dentro do governo providenciam uma de bom tamanho, já era tempo de alocar mineiros nos gabinetes. A carência não pode ser aferida pelo ministério, onde se estampam os sinais exteriores do que o governo não é, mas nos escaninhos dos gabinetes, sombras displicentes, oficiais atentos ao sobrenatural de que não estão isentos os governos.

Wilson Figueiredo

é escritor e
jornalista